

* 7 NOV 1997

SUCESSÃO

Sarney diz que apoio ao Real não impede sua candidatura

Uma semana depois de dar declarações em defesa da estabilidade da moeda e de um telefonema dos Estados Unidos ao presidente Fernando Henrique Cardoso, no auge da crise financeira causada pela queda das bolsas, o senador José Sarney (PMDB-AP) retomou ontem sua candidatura ao Palácio do Planalto e as críticas ao governo. "Eu reiterarei a defesa da estabilidade econômica e do Real sem prejuízo de condenar outras coisas da política econômica que consideramos danosas para o país", disse Sarney, desmentindo o recuo que animara os governistas do partido.

Os dois presidenciáveis "assumidos" do PMDB — Sarney e o senador Roberto Requião (PR) — reuniram-se ontem com a cúpula do PC do B na casa do presidente do PMDB, deputado Paes de Andrade (CE). Mais do que discutir uma aliança com as oposições por uma candidatura de centro-esquerda para derrotar Fernando Henrique, eles deixaram claro que vão ignorar a reunião do conselho político do PMDB, no dia 12, em que a ala governista promete aprovar o apoio à reeleição do presidente.

O grupo de Paes, que prega a candidatura própria do partido, reunirá, na véspera, 26 deputados para um jantar em que se discutirá a estratégia do PMDB para enfrentar a ala governista comandada pelo presidente da Câmara, Michel Temer (SP), e pelos líderes do partido na Câmara e no Senado, deputado Geddel Vieira Lima (BA) e senador Jáder Barbalho (PA).

"Se não sairmos logo com uma candidatura de centro-esquerda, que extrapole os limites do partido, seremos derrotados pelos governistas", ponderou Requião. Daí o encontro com o PC do B. "Abrimos um processo de negociação com o PMDB porque a esquerda, sozinha, não ganha a eleição", disse o líder do PC do B, Aldo Arantes (GO), que admitiu apoiar um peemedebista para o Planalto, mas se recusou a discutir candidaturas. "Vamos ampliar o debate com os outros partidos do bloco das oposições em torno de uma plataforma comum, e não de nomes".

Sarney não negou a conversa recente com Fernando Henrique — "tenho que conversar com todos os setores" — e garantiu que não é nem será dissidente do PMDB. Mas o que vai valer para definir de vez a posição do partido será a convenção nacional que Paes de Andrade marcou para 25 de janeiro, e não a reunião do conselho político na próxima semana.

BOICOTE

O grupo dos aliados do governo, em que se incluem os oito governadores do partido, apostam na vitória da tese de apoio à reeleição de Fernando Henrique na reunião do conselho. "Teremos 60% dos votos", previu o governador gaúcho Antônio Britto. Ainda assim, o grupo de Paes de Andrade tem esperanças de derrotar os governistas, recorrendo à falta de quorum. A ordem é boicotar a reunião do conselho.

"Eu não vou e meus delegados do Maranhão e do Amapá também não comparecerão à reunião do conselho", disse Sarney. "Eu não presidirei a reunião e 12 presidentes de diretórios regionais do partido também não irão participar", emendou o presidente do partido. "A decisão que sair de lá não será do partido, mas da ala adesista", completou Paes, ao lembrar que quem dará a palavra final que todos deverão seguir é a convenção de janeiro. "O conselho aconselha."

A renitência de Paes pode lhe custar a presidência do partido. Governadores, ministros e parlamentares que defendem a reeleição de Fernando Henrique têm se queixado da sua postura na condução do partido e ameaçam encurtar a prorrogação de seu mandato de presidente, com nova eleição. "O mandamento ético de ser presidente é representar o todo e Paes hoje presta um enorme desserviço ao partido, sendo líder de uma facção", criticou o governador Antônio Britto.

"O presidente do partido não pode nos acusar de adesistas e virar comandante de uma ala", completou o secretário nacional de Políticas Regionais, Fernando Catão.